

Defesa de Direitos



Sábado, 17 de Fevereiro

Leia para o estudo desta semana: Atos 25; 26.

Apartir do Título, e do estudo da semana, anote suas impressões sobre o que se trata a lição:

Pesquise: em comentários bíblicos, livros denominacionais e de Ellen G. White sobre temas neste texto: Atos 25; 26

** Estude a lição desta semana para se preparar para o Sábado, 24 de Fevereiro.*

Uma Nova Forma de Comunidade

Até 1631, puritanos que fugiam da perseguição religiosa na Inglaterra estabeleceram colônias prósperas ao longo da costa da América. Esses puritanos começaram a estabelecer uma forma de governo teocrático, imaginando que seriam uma nova Israel. Suas primeiras leis exigiam a frequência regular à igreja e o pagamento de dízimos.

Legisladores declararam blasfêmia, bruxaria, adultério, homossexualidade, adoração a outros deuses e recusa ao batismo infantil como passíveis de pena de morte. Pessoas suspeitas de falar mal da liderança pastoral ou expressar opiniões diferentes das pregadas eram convocadas perante tribunais da igreja e recebiam punições civis. Roger Williams, um colega puritano imigrante inicialmente convidado para pregar, foi condenado e banido por um desses julgamentos por advogar pela separação completa entre igreja e estado e teve que depender das tribos indígenas próximas para sobreviver ao rigoroso inverno.

Evidentemente, os puritanos tinham vindo para a América em busca de liberdade religiosa para si mesmos, mas não para os outros. Os perseguidos tornaram-se novamente os perseguidores.

Depois de sobreviver ao seu banimento, Williams obteve uma carta real da monarquia inglesa para fundar a colônia de Rhode Island, onde o estado nunca exigiria um teste religioso de seus cidadãos ou líderes. Todos eram iguais perante a lei nesta nova colônia que acolhia todos os tipos de excluídos religiosos, como batistas, quacres e judeus. A lição desta semana se concentrará em como o apóstolo Paulo instou os líderes civis a deixarem de lado assuntos religiosos e como seu compromisso com o evangelho o levava a defender seus direitos em algumas situações e a renunciá-los em outras, dependendo da situação.

Acusações Cíveis e Religiosas

Muito pode ser aprendido sobre a liberdade religiosa e a separação entre igreja e estado no livro de Atos. Nenhum outro livro da Bíblia registra mais histórias que ilustram a intrínseca volatilidade de mesclar esses dois domínios, e nenhuma outra figura no livro foi presa e julgada mais vezes do que o apóstolo Paulo. Ele suportou várias prisões e julgamentos nas muitas cidades que visitou. Vamos analisar Atos 21–26, que registra detalhadamente parte da intensa série de julgamentos que se seguiram à prisão de Paulo em Jerusalém.

Paulo sofreu enormes abusos em muitos dos lugares que visitou como missionário, e certamente valorizava a liberdade religiosa onde quer que a encontrasse. Ele ministrou em Corinto por mais tempo do que em qualquer outra cidade, em parte porque suas liberdades religiosas eram protegidas lá. Galio, o procônsul da Acaia, fez alguma distinção entre a lei civil e religiosa. Quando Paulo enfrentou acusações religiosas, Galio era decididamente contra usar o poder do estado para resolver tais questões (Atos 18:15). O Império Romano teria sido um lugar muito diferente se todo procônsul, magistrado, governador e César romano tivesse consistentemente defendido os nobres princípios de liberdade que Galio demonstrou. Ao se recusar a julgar questões religiosas, Galio se destacou na história como um defensor da liberdade religiosa.

Os juízes romanos nos julgamentos de Paulo reconheceram a mesma distinção entre o civil e o religioso. Lísias, comandante da guarnição em Jerusalém, testemunhou: “Descobri que ele era acusado de questões da lei deles [os judeus], mas não tinha nada que merecesse morte ou prisão” (Atos 23:29). Em um julgamento posterior, o governador Festo explicou a Agripa que “Quando os acusadores se levantaram, não trouxeram acusação contra ele de tais coisas como eu supunha, mas tinham contra ele algumas perguntas sobre a própria religião deles... porque eu estava incerto sobre essas questões, perguntei se ele estava disposto a ir a Jerusalém e lá ser julgado sobre esses assuntos” (Atos 25:18–20).

Paulo se defendeu citando que os magistrados civis eram responsáveis por assuntos civis, não religiosos. Falando com Festo, ele disse: “Nem contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César pequei em coisa alguma... se eu sou culpado, ou se cometi algo digno de morte, não recuso morrer” (Atos 25:8, 11). Ao fazer esta declaração, Paulo enfatizou claramente a diferença entre a ofensa religiosa da qual foi acusado e os deveres civis do magistrado.

Direitos Civis

Compreender os privilégios e proteções proporcionados pela cidadania romana ajuda a explicar por que Paulo apelou para César em seu julgamento perante Festo. Paulo teve a sorte de nascer cidadão romano, mas outros pagaram taxas exorbitantes para obter os direitos, proteções e privilégios concedidos aos cidadãos romanos (Atos 22:28). Paulo reivindicou os direitos que sua cidadania proporcionava várias vezes durante seus julgamentos. Atos registra isso pela primeira vez na cidade de Filipos (na Grécia moderna), onde ele estabeleceu a primeira igreja cristã na Europa. O capítulo 16 relata como Paulo e Silas foram severamente espancados, presos, acorrentados pelos tornozelos e jogados na prisão depois que seu ministério ameaçou a renda dos ricos proprietários de escravos locais.

É importante observar que, embora Paulo às vezes reivindicasse sua cidadania, ele nunca estava focado em seus próprios direitos. O incidente em Filipos também demonstra essa qualidade, pois ele não exigiu seus direitos imediatamente ao ser preso ou mesmo quando foi espancado publicamente antes de seu julgamento, uma grave violação desses direitos. Em vez disso, ele foi silenciosamente para sua cela, cantando hinos durante grande parte da noite, e até escolheu ficar quando um terremoto miraculosamente abriu as portas da prisão.

A notável resposta de Paulo ao abuso e à injustiça afetou tão poderosamente o carcereiro que ele e sua família se tornaram alguns dos primeiros convertidos daquela primeira igreja europeia naquela mesma noite. Isso não significa que Paulo não estava disposto a resistir contra as autoridades quando a situação exigia. Quando pediram que ele deixasse a cidade silenciosamente, ele declarou que não iria até que os magistrados viessem e falassem com ele — seu direito como cidadão romano. Pedir que Paulo e Silas partissem em segredo foi injusto depois de terem sofrido um tratamento tão injusto. Paulo respeitava os magistrados e sua autoridade, mas esperava um certo nível de respeito em troca. Depois de ter recebido esse respeito quando os magistrados falaram com ele, ele cumpriu com o pedido deles para partir.

Paulo demonstrou uma capacidade extraordinária de discernir cuidadosamente quando abrir mão de seus direitos e quando resistir, protestar e apelar. Ele manteve esse equilíbrio pelo resto de sua vida. Após mais algumas turnês missionárias, Paulo foi apreendido em Jerusalém. Ao ser acusado por um centurião romano, Paulo se opôs a ser açoitado, novamente sem um julgamento justo (Atos 22:30–34).

Novamente, ele não estava reivindicando seus direitos apenas por interesse próprio; ele estava defendendo o direito de Deus ao seu serviço e protegendo o centurião das consequências de lidar indevidamente com um cidadão romano.

(Continuação do estudo de Segunda-feira)

Festo reconheceu a inocência de Paulo, dizendo: “Não achei que ele tivesse feito nada digno de morte” (Atos 25:25), e Agripa concordou: “Este homem não está fazendo nada digno de morte ou de prisão” (26:31). Se Paulo não tivesse apelado para César, uma ação legal que não podia ser posteriormente revogada, tanto Festo quanto Agripa teriam concordado em libertá-lo (26:32).

Paulo foi finalmente enviado a Roma, acorrentado como prisioneiro.

(Continuação do estudo de Terça-feira)

Jesus Foi nesse contexto que o julgamento de Paulo perante o governador Festo ocorreu vários anos depois. Conforme observado em inGest, Festo sabia que Paulo era inocente (Atos 25:18–21, 25), mas ameaçou enviar Paulo de volta a Jerusalém para ser julgado lá porque queria ganhar o favor dos judeus (v. 9). Paulo apelou para o mais alto tribunal do império naquele momento de perigo, usando os direitos que sua cidadania proporcionava para buscar uma audiência justa perante o próprio César.

Assim como o caso de Paulo foi para o mais alto tribunal em Roma, o povo de Deus enfrentará julgamentos semelhantes durante o confronto final entre o bem e o mal. Ninguém deveria se surpreender quando fiéis crentes novamente estiverem diante dos mais altos tribunais deste mundo.

Momento de Reflexão

- ▶ Por que Paulo apelou para César?

- ▶ O que motivou Paulo a defender seus direitos?

- ▶ O que motivou Paulo a renunciar aos seus direitos?

- ▶ O que podemos aprender quando Jesus se defendeu e quando permaneceu em silêncio?

- ▶ Como podemos saber quando devemos silenciosamente renunciar aos nossos direitos e quando devemos defendê-los?

- ▶ Como podemos obter o discernimento e a coragem para ir contra nossas inclinações quando necessário?

Nossos Direitos

O discernimento de Paulo sobre quando abrir mão de seus direitos e quando abraçá-los se estendeu ao seu trabalho missionário. Em uma situação particular com a igreja de Corinto, Paulo escolheu renunciar ao seu direito de pedir apoio financeiro à igreja porque algumas pessoas questionavam suas intenções, imaginando se ele pregava para obter ganho financeiro pessoal (1 Coríntios 9:1–14). Isso foi, é claro, uma acusação ridícula, já que Paulo frequentemente trabalhava como fabricante de tendas para se sustentar (Atos 18:3), mas ele sabia que simplesmente contestar verbalmente esses boatos não seria suficiente. Ele optou por não pedir salários das igrejas para que nenhum falso rumor pudesse "impedir o evangelho" (1 Coríntios 9:12).

Paulo implorou aos crentes coríntios que seguissem seu exemplo, priorizando o bem-estar dos outros acima de seus próprios direitos (1 Coríntios 11:1). Em uma instância, ele argumentou que, mesmo que soubessem que os ídolos não tinham poder, não deveriam comer alimentos oferecidos aos ídolos para evitar confundir outros crentes (especialmente os novos) e, assim, prejudicar seu trabalho missionário (1 Coríntios 10:28, 29). Paulo valorizava direitos, privilégios e liberdades, mas valorizava mais a salvação de outras pessoas, e isso é a essência de seu argumento.

Sempre que Paulo tomava uma decisão, ele se preocupava mais com o impacto final que sua escolha teria sobre os outros do que em como isso poderia preservar seus direitos. Os cristãos devem defender seus direitos apenas quando beneficia os outros ou protege seu serviço a Deus, nunca à custa dos outros. Conhecer a motivação mais profunda de Paulo explica por que ele às vezes se rendia e outras vezes defendia seus direitos.

Jesus deu um exemplo semelhante quando se tratava de se defender. Embora tenha permanecido em silêncio durante a maior parte de seu julgamento final (Isaías 53:7; Marcos 15:5), certamente não ficou em silêncio durante seu ministério. João 5:19–47 registra uma defesa muito sistemática de seu trabalho divino, e Mateus 22 detalha as respostas sinceras de Jesus ao enfrentar as perguntas minuciosas dos fariseus e herodianos. No momento de seu julgamento final, a fúria da multidão e a raiva dos líderes estavam fora de controle. Se ele tivesse enfrentado uma plateia mais receptiva como Paulo fez em seus julgamentos, talvez ele tivesse respondido a seus acusadores, mas permaneceu em silêncio porque sabia que não estavam procurando respostas, mas sim sangue. Não havia mais ouvidos para ouvir Suas palavras.

O exemplo que tanto Cristo quanto Paulo deram deve desafiar cada um de nós a examinar profundamente os motivos por trás de nossas escolhas e nossa disposição para entregar tudo a Deus. Paulo renunciou a tudo pelo bem do evangelho, mas também estava disposto a manter sua posição quando isso avançava a missão de Deus, exibindo talvez um tipo diferente de entrega e certamente um discernimento conduzido por Deus. Quando os crentes abraçam esse nível de submissão à vontade de Deus, nada pode impedir Sua obra por meio de nós.

A Natureza da Comissão

“Os apóstolos sofreram torturas extremas por causa da dolorosa situação em que foram deixados, mas não murmuraram. Em vez disso, na escuridão total e desolação do calabouço, eles se encorajavam por meio de palavras de oração e entoavam louvores a Deus porque foram considerados dignos de sofrer vergonha por amor a Ele. Seus corações eram animados por um amor profundo e sincero pela causa de seu Redentor. Paulo pensou na perseguição que havia contribuído para trazer sobre os discípulos de Cristo, e ele se regozijou por ter seus olhos abertos para ver, e seu coração para sentir, o poder das gloriosas verdades que uma vez desprezou.” (Ellen White, Atos dos Apóstolos [1911], 213, 214.)

“A severidade com que o carcereiro tratara os apóstolos não despertou ressentimento neles. Paulo e Silas tinham o espírito de Cristo, não o espírito de vingança. Seus corações, cheios do amor do Salvador, não tinham lugar para malícia contra seus perseguidores.”

“Quando Paulo visitou Corinto pela primeira vez, encontrou-se entre um povo que desconfiava das motivações dos estranhos. Os gregos na costa eram comerciantes astutos. Tanto haviam se treinado em práticas comerciais astutas que haviam chegado a acreditar que o ganho era piedade e que fazer dinheiro, seja por meios justos ou injustos, era louvável. Paulo estava familiarizado com suas características e não daria a eles nenhum motivo para dizer que ele pregava o evangelho para enriquecer a si mesmo.

Ele poderia justamente ter exigido apoio de seus ouvintes coríntios, mas esse direito ele estava disposto a renunciar, para que sua utilidade e sucesso como ministro não fossem prejudicados pela suspeita injusta de que ele estava pregando o evangelho por ganho. Ele procuraria remover toda ocasião para má representação, para que a força de sua mensagem não se perdesse.”

“Em casos em que somos levados perante os tribunais, devemos abrir mão de nossos direitos, a menos que isso nos coloque em conflito com Deus. Não estamos pleiteando por nossos direitos, mas pelo direito de Deus ao nosso serviço.” (Ellen White, Eventos Finais [1992], 146.)

“Reis, governadores e grandes homens ouvirão falar de você por meio dos relatos daqueles que têm inimizade contra você, e sua fé e caráter serão deturpados diante deles. Mas aqueles que são falsamente acusados terão a oportunidade de comparecer diante de seus acusadores para responder por si mesmos. Terão o privilégio de apresentar a luz diante daqueles que são chamados de grandes homens da terra, e se você estudou a Bíblia, se estiver pronto para dar uma resposta a todo homem que lhe pedir a razão da esperança que há em você com mansidão e temor, seus inimigos não poderão contradizer sua sabedoria.” (Ellen White, Evangelismo [1946], 560, 561.)

Informativo *Mundial da Missão*

Festa de Despedida do Sábado: Parte 4

Duas semanas após o batismo de Sekule, eclodiu a Guerra da Bósnia. Sekule fugiu de seu internato em Sarajevo, capital da Bósnia e Herzegovina, e se escondeu por 15 dias.

Quando retornou ao dormitório para recuperar seus pertences, descobriu que o prédio havia sido incendiado por soldados. Uma pequena biblioteca de livros religiosos que ele havia colecionado enquanto buscava a verdade foi jogada no meio de seu quarto e incendiada. Ele havia perdido tudo. Voltou para sua vila natal em Montenegro.

A notícia de que Sekule havia se juntado à Igreja Adventista do Sétimo Dia não foi bem recebida por sua família. O pai não conseguia entender por que ele havia parado de comer carne e o levou a um médico. A mãe achava que um feitiço tinha sido lançado sobre seu filho e buscou ajuda de alguém que praticasse magia negra. Quando suas tentativas falharam, enviaram Sekule para o serviço militar. Era 1992, e a Guerra da Bósnia estava em andamento. Alistar um filho significava enviá-lo para a guerra.

Naqueles dias, as famílias faziam grandes celebrações para os soldados recém-alistados. Os pais de Sekule planejaram sua festa para um sábado em dezembro. Duzentos convidados eram esperados. Mas Sekule foi para a igreja.

Quando o sol de inverno se pôs por volta das 16h, ele voltou para casa. Ele não sabia o que esperar. Achava que a casa estaria cheia de parentes de todo o país e além. Achava que enfrentaria críticas por não apenas chegar atrasado à própria festa, mas também por mostrar desrespeito como o neto mais velho.

Ele encontrou seu avô na varanda da frente.

"As pessoas vieram?" perguntou Sekule.

"Não."

"Não?"

"Não."

"Por que não?"

"Ninguém sabe por quê."

Fornecido pelo Escritório da Conferência Geral da Missão Adventista, que usa as ofertas missionárias da Escola Sabatina para espalhar o evangelho em todo o mundo. Leia novas histórias diariamente em www.AdventistMission.org.

Acreditamos que Deus aumentou o conhecimento de nosso mundo moderno e que Ele deseja que o usemos para Sua glória e proclamar Seu breve retorno! Precisamos da sua ajuda para continuar a disponibilizar a Lição da Escola Sabatina neste aplicativo. Temos os seguintes custos Firebase, hospedagem e outras despesas. Faça uma **doação** no nosso site WWW.EscolaSabatina.net